



## **“QUE SEJA ETERNO ENQUANTO DURE”: DISCUSSÕES PIBIDIANAS SOBRE O AMOR**

Izaías Serafim de Lima Neto – *Universidade Estadual da Paraíba. E-mail:*  
[izaiaссерafimneto@outlook.com](mailto:izaiaссерafimneto@outlook.com)

Alex Pereira do Nascimento – *Universidade Estadual da Paraíba. E-mail:*  
[allex.nascymnto@hotmail.com](mailto:allex.nascymnto@hotmail.com)

Ana Maria Carneiro Almeida Diniz – *Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. E-mail:*  
[ana\\_diniz\\_4@hotmail.com](mailto:ana_diniz_4@hotmail.com)

Eliene Alves Fernandes – *Universidade Estadual da Paraíba. E-mail:*  
[ajlnalves@hotmail.com](mailto:ajlnalves@hotmail.com)

O presente trabalho tem por objetivo principal analisar o discurso de alunos da 1ª série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Obdúlia Dantas, na cidade de Catolé/PB, acerca das relações amorosas na pós modernidade. Isso se deve a nossa inquietação quanto a formação discursiva e cidadã dos alunos frente às relações interpessoais vigentes na nossa conjuntura social atual. Para tanto, nos utilizamos de procedimentos metodológicos que foram desde debates em classe seguido de produção escrita, até diálogos mediados através da rede social Whatsapp, a fim de ampliar as possibilidades de interação entre professores e alunos. Neste sentido, buscamos ampliar as competências e habilidades linguísticas dos discentes. Assim, pudemos observar como o senso crítico dos alunos quanto ao amor incide sempre nas noções de descartabilidade e fragilidade das relações afetivas, bem como discursos que transmitem mensagens tais como “não há mais amor hoje em dia” ou “amor só de mãe”, noções que ligam esse sentimento, outrora canonizado pela Igreja, à inexistência ou à irmandade fraternal.

**Palavras chave:** Amor, Pós modernidade, Discurso, Alunos, Relações afetivas.

## **INTRODUÇÃO**

Intrigados com os diversos modos de discursivização das relações afetivas nos contextos sociais da pós modernidade e com o como tais saberes/dizeres são disseminados, principalmente no ambiente escolar, nos dispomos a analisá-los, embasados na teoria sociológica, que nos ancora firmemente para tal.

Sabedores, então, de que nossos discentes são atravessados pelas práticas discursivas que os circundam nos diversos contextos extraclasse, pretendemos compreender, analisar e



discutir a condensação desses discursos nas aulas de Língua Portuguesa, quando confrontados com discussões e textos que movem tais saberes.

Pretendemos, então, analisar quais as visões e/ou capitais culturais, conceito de Pierre Bourdieu, que os alunos têm frente à abordagem literária do amor, frente às músicas popularmente veiculadas na atualidade e demais gêneros discursivos, que de modo (in)direto consubstanciam os discursos deles.

Além disso, através da metodologia utilizada, validar e incentivar o desenvolvimento das competências linguísticas necessárias à formação cidadã e crítica dos nossos discentes, privilegiando o uso de diversos gêneros textuais para tal.

## **METODOLOGIA**

Sabedores do contexto de nossos discentes ( a saber, alunos de 1ª série do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Obdúlia Dantas), buscamos no texto “*Venha ver o pôr-do-sol*” de Lygia Fagundes Telles, publicado em sua quarta edição pela Editora Nova Fronteira em 1981 base para fundamentar nossas discussões.

O conto de Telles (1981) remete ao contexto de violência passional por vezes vivenciado pelos alunos, ou seja, como nos diz Freire (1989) a leitura de mundo deve preceder a da palavra, logo, ao pormos o discente diante de um texto que remeta ao seu mundo, as inferências e discussões tornam-se mais produtivas. Deste modo, foram realizadas leituras compartilhadas e leituras individuais em sala de aula.

Ainda, após a leitura, efetuou-se um debate que prezou pela ampliação da competência oral dos alunos, visando torná-los mais hábeis nos contextos onde a fala é requerida. Também, em seguida, solicitou-se deles a redação de duas modalidades escritas: o texto dissertativo-argumentativo e o conto, a fim de possibilitar a ampliação das suas habilidades escritas.



Deste modo, através das análises das discussões, dos textos e das leituras de mundo apresentadas pelos discentes, pudemos apreender parcialmente os discursos dos alunos quanto à temática na qual nos debruçamos durante a realização do projeto. Ainda, como suporte para ampliar a interação monitores-alunos, criou-se um grupo na rede social *Whatsapp*, a fim de levar as discussões sobre o amor além da sala de aula.

Para tanto, nos utilizamos das seguintes questões ( que foram respondidas através do debate oral em classe, ora nas atividades e textos escritos, ora nas discussões via *Whatsapp*): 1 – *Para você, o que é o amor hoje em dia?* 2 – *Quais as diferenças entre o amor de hoje e o de antigamente?* 3 – *Quais as principais características do amor na pós modernidade?* 4 – *Como você definiria o amor de hoje em dia?*

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando nos dispomos a lecionar conteúdos de Língua Portuguesa em quaisquer faixas etárias, precisamos ser sabedores que o principal papel de se “ensinar” Português a seus falantes é desenvolver as diversas competências e habilidades linguísticas deles, mais especificamente as de leitura, escrita e oralidade. (TRAVAGLIA, 2009).

Pensar as questões acerca do desenvolvimento desses saberes/habilidades é deveras complexo, pois para conseguirmos mediar atividades de ampliação de competências se faz necessário que sejamos sujeitos competentes nesses quesitos. Deste modo, com esses objetivos, intenta-se contribuir à formação social/crítica dos sujeitos, pois, como nos dizem os PCN's (BRASIL, 1998, p. 11) “ O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva [...]”, ou seja, através da competência linguística nos afirmamos enquanto cidadãos.

Assim, através do *ensino produtivo de língua* (TRAVAGLIA, 2009, p. 39) podemos complementar a formação humana e crítica dos discentes. Nesse interim, pensar, debater e



criticar as nuances das relações interpessoais afetivas que se desvelam nos nossos contextos atuais, culmina numa criticidade possivelmente mais ampla e aguçada.

Considerando a História em torno das relações amorosas humanas, buscamos como referencial o discurso em torno das relações abstratas afetivas que eram/são cultivadas e incitadas no nosso meio social. Sabedores que, desde os primórdios da civilização, essas relações configuram um parâmetro, nos interessa investigar a reatualização deste discurso nos tempos atuais.

Neste sentido, ancorados, então, em Bauman (2004), que se refere à nossa era como Modernidade Líquida, compreendemos que assim como todas as outras relações interpessoais humanas se alteraram no desvelar do tempo, o amor também modificou-se. Ora alterou-se o conceito sobre o sentimento, ora os sentidores se alteraram. Esse caractere é explícito no discurso de nosso **ALUNO 1**, quando esse diz: “**Antigamente as pessoas amavam de verdade, hoje não existe mais amor.**”<sup>1</sup>

Diante disso, percebemos que o conceito construído sobre amar é flexível, pois não há um exato parecer quanto a ele. Visto que em tempos passados o amor era um vínculo perpétuo apregoado pelas instituições religiosas, há um paradoxo na modernidade, no sentido que hoje conhecemos o amor descartável, apregoado pelas massas culturais.<sup>2</sup> Nessa perspectiva, nosso **ALUNO 2** fala que o amor : “**é uma palavra que todos falam, mas não sabem o verdadeiro significado.**”

Ao se colocar dessa forma frente ao termo amor, o nosso discente reelabora um saber apregoado comumente em nosso cotidiano, o de que nos tempos atuais os sujeitos constituem-se afastados dos sentimentos afetuosos, num caráter individualista que fundamenta nossa sociedade de consumo. (BAUMAN, 2004)

Nessa mesma discussão, percebemos que, se outrora havia uma adoração ao amor romântico, hoje conhecemos mais a fundo o amor erótico. Não que aquele seja antágono a esse, mas diferem-se na dicotomia amor/desejo, um envolto nas intenções de cuidar e outro nas de consumir (BAUMAN,2004) . Pudemos observar essa característica discursiva nos

---

<sup>1</sup> As respostas dos discentes foram transcritas com fidelidade no corpo do texto.

<sup>2</sup> Observe-se que, músicas atuais e discursos midiáticos em geral apregoam mensagens como “pegue, mas não se apegue”, portanto, embrincado a esses dizeres vem a liquidez ou descartabilidade do sentimento amor.



dizeres de nosso **ALUNO 3**: “ é amor ou desejo, então? São diferentes, desejo é algo que você *quer...* ”

Ou seja, se amar e querer tornam-se metonímias, na mesma proporção que não mais queremos algo que antes nos aprazia, podemos não mais amar aquilo que antes nos era preciosíssimo e amável, logo, assim como nos diz nosso **ALUNO 4**: “ o amor de hoje em dia é diferente, não é mais conquistado. Virou palhaçada, as pessoas só usam umas as outras.”

Neste sentido de descartabilidade dos relacionamentos afetivos e de como se constituem os amores e os intentos de amar nessa nossa pós modernidade fluida, podemos aludir à seguinte citação:

Desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relaciona-se” e, no entanto desconfiados da condição de “estar ligado” em particular de estar ligado “permanentemente” para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para – sim, seu palpite está certo – relaciona-se... (BAUMAN, 2004, p. 6)

Ao falar-nos do desespero de “relacionar-se” dos indivíduos atuais, estes que, no entanto, se afligem, também, pela condição de dependência que tal ligação traz, o autor explicita a condição das afeições amorosas atuais: relações estritamente consumistas, no sentido de que são tão descartáveis quanto quaisquer outros produtos; liquidez incontrolável, visto que a mesma ânsia que fundamenta a vontade de ligar-se, é a que exaspera a vontade de se libertar.

Por isso, o amor veicula-se hoje, não mais como instituição perpétua que baseia as relações duradouras entre os indivíduos nas civilizações, mas, como nos aponta Bauman (2004, p. 6) “No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos [amorosos] talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência.” (*grifo nosso*).

Não mais um amor romântico, então, contudo uma relação de utilitaridade ambivalente, onde o desejo substitui qualquer abstração afetiva e é sobreposto pelo utilizar: se outrora o amor era sinônimo de cuidado, hoje é de consumo e satisfação. Quanto a isso, nosso **ALUNO 2** diz: “ às vezes as pessoas usam uma as outras, mas não descartam, porque sabem que uma hora servirá de novo.”

Desse modo compreendemos que assim como a linguagem, as relações interpessoais ( afetivas, já que são nosso foco) são intrínsecas ao homem. Dentre essas<sup>3</sup>, a que mais é discursivizada e refletida é o amor. Este, por sua vez, desvela-se em inúmeras nuances e características, que vão desde o extremo romantismo na Era Clássica, caractere expresso principalmente nas grandes obras literárias, até o que Bauman (2004) chama de *amor descartável* ( numa , também denominada pelo autor, *modernidade líquida*).

Nesse sentido, Bauman (2004) fala-nos que o que antes configurava-se um sentimento para a eternidade, apregoado pelas obras literárias e por um discurso patriarcalista que alicerçava as relações, hoje é compreendido quase como um objeto a ser consumido.

Se antes o amor era norteado pela ideologia de *alma gêmea* ( BAUMAN, 2004) que trazia consigo um discurso de que uma relação amorosa seria algo a durar, onde os indivíduos fossem predestinados a ficar juntos, hoje é impulsionado pelos discursos de “pega, mas não se apega”, “ Solteiro sim, sozinho nunca”. Enunciados assim denotam o sentido de “descartável” que é atribuído às relações amorosas na pós modernidade. Quanto a isso, nossos **ALUNOS 4 e 6** dizem: “ **Eu, André<sup>4</sup> sou só mais um objeto de manipulação**” “ **As pessoas hoje em dia podem até amar, mas traem demais, é um amor sem personalidade, só querem sexo e pronto.**”

Nesse interim, se a sociedade é *líquida*, as relações que revelam os vieses daquela nada mais seriam que também líquidos, ou talvez fluidos, visto que não são estáveis. Se na liquidez há mudança para outros estados, na fluidez altera-se apenas o modo de ser: ora o amor é romântico, ideológico e “para a eternidade”, ora é apenas “momento”, “curtição” e desejo.

---

<sup>3</sup> Entendemos por relações interpessoais desde o convívio familiar, escolar, profissional até o amoroso e sexual

<sup>4</sup> Nome fictício.



Desse modo, através de um panorama comparativo, observamos que noutro momento a sociedade era “estável”, assim, as relações amorosas também o eram. Contudo, noutra instância social, que explicita-se como mutável e líquida, as mesmas relações se adequam ao padrão do meio ( contexto), sendo reflexo desse, logo, líquidas.

Ainda, sabedores que o sujeito se constitui e é constituído nos discursos e das práticas discursivas (FOUCAULT, 2008a) e que, assim como a sexualidade, o amor constitui um *comentário* (FOUCAULT, 2008b) que é perpassado pelas gerações, mas que, no entanto, alterou-se com o tempo, chegamos ao nosso ponto de análise: se o **sujeito** é fruto de uma **modernidade** pueril as relações afetivas pelas quais ele passa, também são.

Dito isto, podemos refletir agora acerca dos contextos onde os discursos sobre as relações amorosas podem se constituir, veicularem-se e propagarem-se. Pensar, pois, nos ambientes sociais atuais, nos quais o sujeito se faz, é deveras complexo, porque não mais há unidade ou hegemonia de um só discurso, pois as camadas e níveis dessa sociedade confrontam-se, quer em aspectos econômicos, quer em nuances culturais.

O *modus vivendi* de sujeitos de zonas urbanas desenvolvidas difere abismalmente do de indivíduos de zonas periféricas e/ou rurais. As condições financeiras e os hábitos culturais ( ou capitais culturais, segundo Bourdieu (2007)) são quase paradoxais no sentido em que em lugares mais afastados da Zona Urbana os saberes sobre o amor quase que não se alteraram desde a época clássica.

Neste sentido, os dizeres sobre o amor são alterados de acordo com o *lócus* no qual são produzidos e disseminados. As características desses discursos e desses olhares quanto às relações afetivas, movem-se e alteram-se em consonância com os hábitos e vieses culturais, pois, à medida que nossa sociedade tornou-se de consumo desenfreado e em verdadeira ebulição de miscigenações de saberes, o amor ( e o discurso sobre ele) se transformou.

Isso se explicita em um discurso quase uníssono de nossos discentes, que sempre associam o amor à religiosidade, ao convívio familiar, as relações fraternas **ALUNOS 1, 4, 5:**



**“ Amor só de pai, de mãe, de irmão...” “ Creio que nós fomos frutos de um Amor maior: Deus.” “ As pessoas quando amam de verdade procuram viver, amar, respeitar.”**

Esses discursos emergem de contextos onde a estrutura patriarcal se mantém como parâmetro de vida; onde, claro, há invasão dos meios tecnológicos, mas perdura uma vida quase pacata, com hábitos religiosos fortemente alicerçados, os quais frutificam imagens de como deve ser o sujeito, esse que deve ser baseados na mítica bíblica, etc.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através de nosso estudo e discussões em salas de aula, pudemos perceber o senso crítico dos discentes. Para isso nos valem dos mais diversos procedimentos interativos: quer numa perspectiva escolar, através de debates e textos escritos, quer em ambientes extraclasse por meio da rede social *Whatsapp*.

Nesse sentido, os conhecimentos mediados e construídos colaboraram para que chegássemos às seguintes considerações: os discentes se utilizaram de suas competências orais e escritas para se colocarem discursivamente, apreendendo as propostas a eles feitas pelos professores e movendo suas cargas cognitivas e culturais para formular críticas e reflexões acerca das relações amorosas nos contextos atuais. Bem como observou-se que houve um avanço parcial, mas significativo naquilo que os PCN's pregam quanto ao desenvolvimento das competências linguísticas.

Tendo, ainda, sido percebido o discurso que constrói e é construído pelos sujeitos alunos nos seus mais diversos contextos de vivências, compreendemos que as relações amorosas deveras se alteraram no decorrer da história ( fato percebido nos dizeres dos discentes) e as nuances desse sentimento explícitos nos diálogos interativos mediados na sala de aula são formados a partir das vivências e das valorações diversas que os indivíduos atribuem às relações interpessoais que vivem e observam.



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC, 1998.

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. IN: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. *Pierre Bourdieu : Escritos da educação*. Petrópolis : Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do discurso*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Uma proposta para o ensino de gramática*. 14ª.ed. São Paulo: Cortez, 2009.